

As pérolas entre os escombros: a questão da tradição no pensamento de Hannah Arendt

The pearls between the debris: the question of the tradition in Hannah Arendt's thought

Victor Frohlich¹

RESUMO: Este trabalho procura discutir o tema da ruptura da tradição ocidental no pensamento de Hannah Arendt em alguns momentos chave da obra da autora. Neste sentido, procura evidenciar como a constatação crítica de Arendt frente à tradição da filosofia política — que teria, em suas respostas elementares, sempre se esquivado da pluralidade humana — leva-a a buscar referenciais que se oponham à tradicional atitude hierárquica entre o filósofo, com seu saber contemplativo e supostamente elevado, e o restante da humanidade, com suas opiniões diversas sobre o comum. Apresentamos brevemente aqui como a autora encontra na filosofia de Karl Jaspers um referencial para uma atitude contrária a esse apelo hierárquico e tirânico da tradição filosófico-política — um signo do resgate crítico, no interior da tradição, de marcos referenciais que se distanciem dos tradicionais preconceitos desta mesma tradição.

PALAVRAS-CHAVE: Política; filosofia; tradição;

ABSTRACT: This work seeks to discuss the theme of the break of the Western tradition in Hannah Arendt's thought in some key moments of her work. In this sense, it attempts to shed lights on how Arendt's critical understanding of the tradition of political philosophy — which would had, in its most elementary concerns, always departed from human plurality — makes her search for referentials that oppose the traditional hierarchical attitude between the philosopher, with his contemplative and supposedly elevated knowledge, and the remainder of the mankind, with its diverse opinions on the common. We briefly present how the author finds in the philosophy of Karl Jaspers a referencial for a opposite attitude to this hierarchical and tyrannical appeal of the philosophical-political tradition — a sign of the critical recovery, inside the tradition, of referential marks that depart of the traditional prejudices of this very own tradition.

KEYWORDS: Politics; philosophy; tradition;

A proposta desse trabalho toma como inspiração uma passagem especialmente rica da conferência “Pescando pérolas: Hannah Arendt e a ruptura da tradição”, de Beatriz Porcel, em que a professora nota como a tarefa de resgate conceitual empreendida por Arendt assemelha-se ao esforço

¹ Mestrando em Filosofia na USP. <https://orcid.org/0000-0003-2211-5725> . frohlichvctr@gmail.com

benjaminiano de “escovar a história a contrapelo” (BENJAMIN, 1994, p. 225) e “constitui um esforço para poder chegar até aquilo que não está, que não se vê e que, no entanto, é fundamental. Equivale a procurar entre as ruínas, nadar até o fundo do mar, atravessar toda a tradição à contramão” (PORCEL, 2012, p. 51). Com isso em mente, parece pertinente vincular a famosa imagem do pescador de pérolas que, como na passagem de Shakespeare, busca tesouros transmutados no fundo do mar, com a do anjo da história que, novamente com Benjamin, é empurrado ao futuro pelas ruínas de um passado sempre em movimento e de uma tradição que é preciso arrancar do conformismo que quer apoderar-se dela (BENJAMIN, 1994, p. 224).

Por fins de brevidade, não falaremos aqui da importância de Benjamin para o pensar narrativo sobre a política desenvolvido por Hannah Arendt; voltaremos nossa atenção, simplesmente, para a importância desses marcos do pensamento benjaminiano para a própria atitude de Arendt frente a tradição, que ela vê — como indicado nessa passagem de “Que é autoridade?” — como sendo perpassada por uma ambiguidade fundamental:

Com a perda da tradição, perdemos o fio que nos guiou com segurança através dos vastos domínios do passado; esse fio, porém, foi também a cadeia que aguilhou cada sucessiva geração a um aspecto predeterminado do passado. Poderia ocorrer que somente agora o passado se abrisse a nós com inesperada novidade e nos dissesse coisas que ninguém teve ainda ouvidos para ouvir (ARENDDT, 2014, p. 130, grifo nosso).

Assim, e uma vez que “tradição e passado não são a mesma coisa” (ARENDDT, 2014, p. 130), o gesto de retornar à tradição e ao passado como um pescador em busca dos tesouros cristalizados no oceano da experiência humana tem um papel especialmente profícuo: permite não só analisar alguns dos marcos da tradição ocidental como que pela primeira vez, mas também, e sobretudo, reencontrar sua relação com experiências desde então esquecidas ou ignoradas. No caso de Arendt, tal exame é especialmente pertinente para pensar novamente aquele campo da experiência humana particularmente afetado pela ruptura totalitária da tradição ocidental — a política. E não surpreende que, na sequência de sua magistral *Origens do totalitarismo*, a autora volte-se inúmeras vezes à questão do sentido da política, sentido que se abriria novamente no ocaso da tradição ocidental. Num fragmento de agosto de 1950, encontramos um esboço de resposta que já prenuncia alguns dos temas de suas obras mais maduras como *A Condição Humana e Sobre a Revolução*:

A política baseia-se na pluralidade dos homens. Deus criou o homem, os homens são um produto humano mundano, e produto da natureza humana. A filosofia e a teologia sempre se ocupam do homem, e todas as suas afirmações seriam corretas mesmo se houvesse apenas um homem, ou apenas dois homens, ou apenas homens idênticos. Por isso, não encontram nenhuma resposta filosoficamente válida para a pergunta: o que é política? (ARENDDT, 2018, p. 21, grifos da autora)

Ainda que se trate de afirmações esboçadas e que não receberão um aprofundamento muito maior no decorrer do manuscrito, elas chamam atenção pela clareza com que Arendt procura distanciar sua própria posição sobre a política — produto dos humanos que partilham um mundo

comum — daquela posição que ela procura atribuir à filosofia e à teologia — marcos fundamentais da tradição ocidental. E chama a atenção que, num primeiro momento, esta posição sequer precise ser mais bem formulada: do contrário, todas as respostas destas duas disciplinas são tomadas como insuficientes *em seu fundamento mais elementar* — a saber, devido à insistência de ambas em tratar *do homem*, no singular, como que abstraído de sua relação com o mundo e com os outros seres humanos que o habitam. A política em si, e os seres humanos considerados não como indivíduos atomizados, mas como seres relacionados por sua natureza e pela mundanidade, parecem escapar por completo destas duas correntes do pensamento ocidental.

O restante desse manuscrito de 1950, apesar de suas interessantes reflexões sobre a concepção monoteísta de Deus e seu impacto na compreensão atomizada do ser humano, não oferece maiores esclarecimentos sobre essa atitude tradicional da filosofia com relação à política. Dentre outras ponderações, Arendt menciona, neste mesmo sentido, que *o homem* tomado em sua essência enquanto indivíduo é apolítico, e que a “[...] política surge no *entre-os-homens*; portanto, totalmente *fora dos homens*” (ARENDR, 2018, p. 23); todavia, isso ainda não esclarece o que há de intrinsecamente inválido nas definições sobre a política legadas pela tradição. De qualquer modo, um outro manuscrito da autora oferece algumas pistas com relação ao sentido desta investida contra a atitude teórica tradicional frente à política. Abordando a relação entre filosofia e política, ela afirma ser possível identificar já em Parmênides e Heráclito “[...] a pretensão de saber aquilo que a grande maioria dos homens jamais pode saber, o inaudito, o estranho à multidão” (ARENDR, 2018, p. 189); este comentário termina com uma sucinta citação — “Déspotas intelectuais” —, retirada do primeiro tomo da obra *Os Grandes Filósofos*, de Karl Jaspers. A citação completa afirma que ambos os pré-socráticos

[...] fundamentaram sua verdade não através da voz de Deus, mas sim através do poder de convicção do pensamento. O decisivo não é a obediência a uma voz divina, mas sim o revelar-se no próprio pensamento. Tanto mais poderosa é sua autoconsciência que se eleva acima de todos os homens. Em virtude da compreensão que lhes cabe, que, inaudito em seu mundo, estava presente com certeza inabalável, não mais interrogativa, eles assumiam a postura de déspotas intelectuais. Conheciam sua própria essência como idioma do ser. Através de sua boca falava a própria verdade, inspirada pela deusa (na imagem de Parmênides), aspirada pela razão mundial que tudo penetra (na concepção de Heráclito) (ARENDR, 2018, p. 189).

No recorte proposto por Jaspers, a notória ruptura entre *mythos* e *logos* que marca as origens pré-socráticas da filosofia helênica já é caracterizada não apenas pelo primado da razão, mas por um *despotismo da razão*: o desdobrar-se característico do *logos* — as questões que o pensamento se faz a si mesmo — torna-se a revelação da própria verdade e o fim do questionamento. Fica implícito, tanto na citação quanto na interpretação arendtiana — com sua ênfase na pretensão dos filósofos de saber mais do que os humanos comuns —, que esse despotismo se caracteriza pela pretensão de

colocar-se acima da experiência comum sobre o mundo. Seria o despotismo intelectual então, não apenas uma pretensão de elevar-se acima dessa experiência comum, mas também um desdém pelo saber da “grande maioria dos homens” (ARENDDT, 2018, p. 189)? E seria esse despotismo intelectual um traço geral da tradição do pensamento filosófico, como Arendt parece interpretar ao dizer que tal atitude *já* se encontra nestes pensadores — e, portanto, não seria exclusiva a eles?

Para clarificar o sentido desse despotismo intelectual e avaliar sua abrangência no pensamento de Arendt, parece pertinente recorrer a um último texto — não apenas pelo fato da autora se remeter, nele também, ao problema das pretensões da tradição filosófica, mas também por abordar as saídas dos impasses dessa tradição propostos pelo mesmo pensador que inspira a reflexão citada acima: Karl Jaspers. Neste ensaio, “O que é a filosofia existencial” (1946), Arendt procura apresentar as origens da filosofia da existência no século XIX — sobretudo nas obras de Schelling e Kierkegaard — e seus desdobramentos em diferentes correntes filosóficas que eclodem nos últimos anos deste século e nas primeiras décadas do século XX, como a *Lebensphilosophie*, a fenomenologia inaugurada por Husserl e a própria *Existenzphilosophie* representada por Heidegger e Jaspers. Segundo a autora, essas correntes do pensamento colocariam em questão a unidade entre pensamento e Ser a partir dos dilemas estabelecidos ao pensamento moderno pelo criticismo de Kant — cuja análise das antinomias da razão pura teriam rompido com a coincidência entre *essentia* e *existentia* estabelecida desde os primórdios da filosofia ocidental, privando “[...] o homem da antiga segurança no Ser” (ARENDDT, 2005, p. 168)² — e pela solução sistemática de Hegel, de cuja filosofia “ninguém podia estar realmente seguro se ela oferecia uma morada ou uma prisão para a realidade” (ARENDDT, 2005, p. 164)³. Em suma, é a própria relação entre pensamento e Ser — a existência das coisas no mundo — que teria se mostrado obscurecida no interior do idealismo alemão, com a demolição da metafísica tradicional por Kant e a resposta, sistemática e totalizante, da filosofia de Hegel.

Assim, seria fundamental para estes filósofos da existência rebelar-se contra o sistematismo hegeliano e sua pretensão de explicar a totalidade da natureza e da história, buscando reestabelecer, sob novas bases, a relação entre pensamento e Ser. Nesse sentido, Arendt aponta a importância metodológica, para o pensamento moderno, do esforço husserliano de reconstruir o contato entre o pensamento e a realidade em sua descrição fenomenológica dos atos da consciência, de modo a colocar a estrutura intencional da consciência humana no centro de sua filosofia. Mais importante do que esta recolocação da “questão do Ser” por Husserl, porém, seria a importância de sua metodologia, a descrição fenomenológica da consciência, para reestabelecer a dignidade do pensamento humano e

² “Kant robbed man the ancient security in Being by revealing the antinomy inherent in the structure of reason”.

³ “[...] no one could ever be quite sure whether it provided a residence or a prison for reality”.

sua intencionalidade própria, que teria se dirimido com a primazia da determinação histórica na Filosofias da Histórias de Hegel e seus seguidores. Pois,

[n]o esteio de Hegel e sob a influência de um interesse extremamente intenso na história, a filosofia corria o risco de degenerar-se numa especulação sobre a possibilidade de que algum tipo de lei inerente fosse manifestado na história. Para nós, é irrelevante se essa especulação possuía um tom otimista ou pessimista, se procurava ver o progresso como inevitável ou o declínio como predestinado. O ponto crucial em ambos os casos, como observado por Herder, era simplesmente que o homem seria como uma “formiga” que “apenas rasteja na roda do destino” (ARENDDT, 2005, p. 166, grifo nosso)⁴.

Para os nossos propósitos, interessa notar como o “voo da coruja de Minerva” da filosofia hegeliana representa, para Arendt, o risco da degeneração da filosofia no historicismo; e que o desafio das filosofias da existência, e sobretudo da renovação metodológica da fenomenologia de Husserl, abririam caminho para uma alternativa filosófica no seio do pensamento moderno. E aqui, é a filosofia de Jaspers — e não tanto a de Heidegger, criticada por seu sistematismo tradicional neste ensaio — que apresenta a alternativa mais original: segundo Arendt, este filósofo “rompe com a filosofia tradicional” (2005, p. 182) já em sua primeira obra, *Psicologia das Visões de Mundo* (1919), compreendendo os sistemas filosóficos da tradição como pretensas teorias da totalidade e “meras ‘conchas’ vazias que interferem na experiência das ‘situações limite’ [da existência humana] e oferecem uma falsa paz de espírito que é inerentemente avessa à filosofia” (2005, p. 182)⁵. Nos desenvolvimentos da filosofia jasperiana, como indica a ênfase na comunicação apresentada em sua *Filosofia* (1932), irrompe um inovador esforço por devolver o pensamento ao mundo cujos primeiros precedentes podem ser encontrados na maiêutica socrática — ou seja, tratar-se-ia de recolocar a filosofia e o pensamento no *mundo* não apenas em seu sentido físico, natural, mas político e dialógico, como um pensamento *entre os homens*. Em certo sentido, a proposta de Jaspers parece à Arendt até mais radical que a prática filosófica do patrono do pensamento ocidental:

Em Jaspers, como em Sócrates, não há nenhum “filósofo” que, desde Aristóteles, teria pensado conduzir uma existência distinta daquela dos outros homens. Jaspers não retém nem mesmo a prioridade socrática pelo questionador, pois na comunicação o filósofo se move, por princípio, entre seus iguais, aos quais ele pode *dirigir-se* [*appeal*] e que podem, por sua vez, *dirigir-se* a ele. Por conseguinte, isto remove a filosofia do reino das disciplinas científicas e acadêmicas com seus campos de

⁴ “In the wake of Hegel and under the influence of an extremely intense interest in history, *philosophy threatened to degenerate into speculation on the possibility that some kind of inherent law was manifested in history*. It is irrelevant here whether this speculation was optimistic or pessimistic in tone, whether it tried to see progress as inevitable or decline as predestined. The key point in either case was simply, as Herder put it, that man was like an “ant” that “only crawls on the wheel of destiny.”

⁵ “Jaspers sees *Weltanschauungen* that claim to have grasped the meaning of life and systems that present themselves as “coherent theories of the Whole” as mere hollow “shells” that interfere with the experiencing of “border situations” and confer a false peace of mind that is inherently unphilosophical”.

especialização; e o filósofo, por conseguinte, abre mão de qualquer espécie de prerrogativa especial [sobre a realidade] (ARENDDT, 2005, p. 183, grifo nosso)⁶.

A filosofia de Jaspers, assim, despontaria como a mais instigante tentativa de resolver aquele problema fundamental da filosofia moderna — a relação entre pensamento e Ser, realidade ou mundo — e parece fazê-lo, justamente, por abandonar aquela pretensão tradicional e despótica da filosofia ocidental, desde sua aurora fisiológica e analítica até seu ocaso no idealismo hegeliano. Jaspers ofereceria uma oportunidade de romper com a palavra final dos sistemas filosóficos e sua pretensão pela totalidade, posicionando o pensamento no mundo humano, como comunicação e diálogo que, sem produzir explicações finais, almeja simplesmente “iluminar a existência”⁷ (ARENDDT, 2005, p. 183). A diferença desta posição com a atitude tradicional dos filósofos, como entende a autora, não poderia ser maior. Como ela revela em uma carta à Jaspers de 25 de dezembro de 1950, essa ênfase no diálogo permitiria ao filósofo “*destirannizar* o pensamento”⁸ (ARENDDT, JASPERS, 1992, p. 160, grifo nosso), contrastando com a tendência afirmativa, impositiva e logicizada do pensamento filosófico tradicional. Todavia, nos interessa sobretudo o comentário que Arendt faz para qualificar este elogio ao colega e mestre: aprofundando-se na filosofia de Platão, diz ela ter pensado muito sobre “a afinidade entre filosofia e tirania, ou [sobre] a parcialidade que os filósofos têm para a tirania racional, que é, afinal, a tirania da razão. Isto é inevitável para aquele que acredita ser capaz de descobrir a verdade para o homem enquanto tal através da filosofia.”⁹ (ARENDDT, JASPERS, 1992, p. 160).

Em todo caso, as dimensões desta atitude tradicional, assim como do quadro teórico sobre o existencialismo e a radicalidade da filosofia de Jaspers são decerto mais amplas do que o recorte feito aqui, e será conveniente retornar a ele no decurso de nosso trabalho. Nossa intenção aqui é apenas apresentar como a questão arendtiana sobre a “*doença profissional dos filósofos*” (ARENDDT, 2018, p. 187, grifo nosso), tão presente naqueles manuscritos de sua ambicionada “Introdução à política”, relaciona-se diretamente não apenas ao reexame da tradição filosófica e seus prejuízos, mas também às possibilidades inauditas de uma nova forma de filosofar inaugurada pelas correntes da

⁶ “In Jaspers, as in Socrates, there is no “philosopher” who has, since Aristotle, been thought to lead an existence distinct from that of other men. Jaspers does not retain even the Socratic priority of the questioner, for in communication the philosopher moves, as a matter of principle, among his equals, to whom he can appeal and who can in turn appeal to him. This consequently removes philosophy from the realm of scientific and scholarly disciplines with their specialized fields, and the philosopher consequently gives up special prerogatives of any and every kind”.

⁷ “illuminate existence”.

⁸ “de-tyrannizes thinking”.

⁹ “the affinity between philosophy and *tyrannis* or the partiality philosophers have for rational tyranny, which is, after all, the tyranny of reason. That is inevitable if one believes in being able, through philosophy, to discover *the* truth for man as such”.

fenomenologia e do existencialismo. E interessa notar que tais questões conectem diretamente um exame de caráter filosófico e histórico à problemáticas políticas e intelectuais da contemporaneidade — em suma, pela relação direta entre o evento totalitário e a ruptura da tradição moral e intelectual do Ocidente, no primeiro caso, e a relação entre os desafios da filosofia contemporânea e o ocaso da metafísica ocidental nas Filosofias da História do século XIX.

REFERÊNCIAS

ARENDDT, H. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Perspectiva, 2014.

_____. **Essays in understanding: 1930-1954**. 1ª ed. Nova York: Schocken Books, 2005.

_____. **O que é política?**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2018.

ARENDDT, H.; JASPERS, K. **Correspondence, 1926-1969**. Nova York: Harcourt, Brace & Company, 1992.

BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

PORCEL, B. Pescando pérolas: Hannah Arendt e a ruptura da tradição. In: AGUIAR, O. et al. **O futuro entre o passado e o presente: Anais do V Encontro Hannah Arendt**. Ceará: IFIBE, 2012, pp. 49-61.